



ESTADOS UNIDOS

Twitter/Reprodução



Mulher reage ao ouvir disparos, enquanto participantes da parada fogem

Lynn Sweet/Twitter



Pai corre com criança e passa por banda, que demorou a perceber tragédia

Instagram/Reprodução



Alexander Sandoval escondeu o filho, de 5 anos, dentro de uma lixeira

Tiros e mortes no 4/7

Atirador dispara contra multidão durante desfile de celebração do Dia da Independência, em Highland Park, a 43km de Chicago. Ao menos 6 pessoas morrem e 26 ficam feridas. Biden se diz "impactado" e promete lutar contra armas. Testemunhas falam ao **Correio**

» RODRIGO CRAVEIRO

Assim que escutou os tiros, às 10h14 (12h14 em Brasília), Alexander Sandoval, 39 anos, imaginou tratar-se da Marinha saudando a bandeira dos Estados Unidos. Era manhã de sol em Highland Park e a cidade de 30 mil habitantes, situada a 43km de Chicago, celebrava o Dia da Independência dos Estados Unidos com a tradicional parada. "Vi as pessoas caindo e outras correndo. Agreiei meu filho, de 5 anos, e o meu irmão, de 4, e começamos a fugir. Minha namorada fez o mesmo com a filha, de 6 anos", contou ao **Correio**. Alexander tentou quebrar a porta de uma loja para buscar abrigo. Tomado pelo pânico, teve uma reação instintiva. "Escondi meu filho e meu irmão dentro de uma lata de lixo", afirmou. Quando voltou para procurar a namorada e a enteada, viu mortos e feridos. Do telhado de um estabelecimento comercial, um atirador disparou com um rifle de alta potência contra a multidão, antes de fugir.

Até o fechamento desta edição, seis pessoas tinham morrido e pelo menos 26 haviam sido hospitalizadas. A faixa etária dos feridos varia dos 8 aos 85 anos. Uma das vítimas, Nicolas Toledo, 76 anos, estava em uma cadeira de rodas, na calçada, quando foi atingido por três balas, e morreu na hora. O presidente dos EUA, Joe Biden, se disse "chocado" com a "violência armada sem sentido que mais uma vez trouxe dor a uma comunidade americana neste Dia da Independência". "Não vou deixar de lutar

Jim Vondruska/Getty Images/AFP



Policiais e membros da Swat patrulham a área pouco depois do atentado: cadeiras e carrinhos de bebê abandonados pelas pessoas em fuga

40mil

Número de pessoas que morrem anualmente nos Estados Unidos, vítimas de armas de fogo, segundo o site Gun Violence Archive.

contra a epidemia de violência armada", prometeu.

Por volta das 21h de ontem (hora de Brasília), a polícia

confirmou a prisão de uma "pessoa de interesse" no caso, identificada como Robert E. Crimo III, 22 anos. Uma viatura localizou Robert, dentro de um carro, no norte de Chicago. Após uma breve perseguição, ele acabou detido sem oferecer resistência.

Os agentes encontraram "provas de armas de fogo" em um telhado próximo. Porta-voz da Força-Tarefa de Crimes Graves do condado de Lake, Christopher Covelli disse que o criminoso

era "discreto" e "muito difícil de ver". Até o fechamento desta edição, as autoridades desconheciam as motivações do atentado. "Este assassino será levado à Justiça", avisou o governador de Illinois, J.B. Pritzker.

Alexander classifica como "aterrorizante" o que viveu na manhã de ontem. "Era como uma batalha. Gente gritando e correndo. Havia duas pessoas no chão, deitadas sobre poças de sangue. Eu vi um garotinho

carregado pela polícia. Acho que estava morto", relatou, ao acrescentar que escutou entre 20 e 30 tiros. "Ele recarregou a arma", garantiu. Mais tarde, a rede de TV CNN anunciou que uma criança foi transportada para o hospital em estado crítico. Ao longo do percurso da parada, era possível ver carrinhos de bebê, cadeiras e toalhas abandonados às pressas.

O engenheiro Joseph Hocking e a mulher estavam na parte de

Onde fica



baixa da rua e dobravam a esquina. "Não vi nada. Mas escutamos os estrondos altos, que nos confundiram. Foi então que percebemos que as pessoas corriam, em pânico, e fomos até uma área mais protegida, nas imediações", afirmou à reportagem. "É triste e enfurecedor que coisas assim continuem a ocorrer", lamentou. O webdesigner Gage O'Laughlin, 26 anos, contou ao **Correio** que estava longe do atirador e, assim que ouviu os disparos, correu e conseguiu pegar um atalho até o seu apartamento. "Imaginei que o atirador estivesse correndo atrás da parada, e não posicionado sobre o telhado. O barulho que ouvi parecia rajada de metralhadora." Gage acredita que mais de mil pessoas prestigiavam o desfile.

Por sua vez, o jornalista Hunter Stuart publicou no Twitter que fugiu do local com as duas filhas pequenas nos braços. "Nós nos separamos de minha esposa e nos escondemos atrás de um carro. Depois, nos abrigamos no apartamento de bons samaritanos durante cinco horas, de onde observamos as equipes da Swat através das janelas. Nós estamos todos bem, mas muito nervosos", escreveu.

UCRÂNIA

Brasileiro morreu ao tentar salvar colega

"Estamos destruídos. É o nosso único menino, o filho mais velho", desabafou ao **Correio** Cleuza Marisah Rodrigues Búriço, 60 anos. Professora em São José dos Ausentes (RS), ela fala sobre Douglas Búriço, 40, no tempo presente. Cleuza e o marido, o médico veterinário Pedro Elson Vieira Búriço, 71, souberam da morte do primogênito por meio do perfil do Instagram de um amigo de Douglas. "Morreu, morreu, morreu", publicou na rede social, com a foto do brasileiro. Às 14h30 do último sábado, o comandante do batalhão de Douglas fez uma chamada de vídeo para a família, por meio da qual confirmou a morte dele e da também brasileira Thalita do Valle, 39, modelo e atiradora de elite que morava em São José dos Campos (SP). Os dois combatiam as tropas da Rússia na Ucrânia e foram surpreendidos por um bombardeio com mísseis na cidade de Kharkiv (leste).

Para a mãe, a atitude de Douglas ao morrer foi a de um herói. "Ele voltou para salvar Thalita, sem pensar nas consequências.

Cleuza Búriço/Divulgação



Douglas Búriço e Thalita do Valle: ataque com mísseis em Kharkiv

Um gesto bem típico da personalidade dele", desabafou. Segundo Cleuza, o comandante contou à família do gaúcho que ele e Thalita estavam em local que foi incendiado depois de ser atingido por um míssil. "O Douglas percebeu que a menina não havia deixado o prédio e voltou para retirá-la. Foi quando outro míssil caiu, e nenhum deles mais saiu."

Thalita e Douglas se conheceram no dia em que ele se preparava para viajar a Kiev. "Eles ficaram de se encontrar na capital. Thalita chegou à Ucrânia duas semanas depois." Douglas embarcou para a Ucrânia em 24 de maio. "Meu filho disse-nos que não iria a combate, mas para fazer serviço humanitário. Tentamos convencê-lo a desistir", afirmou Cleuza.

O último contato do combatente gaúcho com os pais ocorreu em 27 de junho. "As 10h30, ele nos enviou uma mensagem dizendo que ficaria um tempo sem comunicação, pois iria para o front. Depois, meu genro recebeu uma mensagem de voz, em que Douglas falava que tinha medo e que a situação estava ficando feia", acrescentou a mãe. A família Búriço faz um apelo ao Itamaraty. "Precisamos do corpo, de algo para nos despedir dele", disse a professora. "Contamos com o apoio de todos para que se agilize o traslado do corpo do meu filho. Parece um pesadelo que vai acabar e ele chegará em casa."

"O Douglas era uma pessoa de coração enorme, que se preocupava com todos. Era muito inteligente e aprendia as coisas muito rapidamente. Também gostava de churrasco e de estar com a família e os amigos", afirmou o pai, Pedro Elson. Em 5 de junho, outro brasileiro, André Hack Bahi, 44, morreu durante confronto em Severodnetsk, no leste. (RC)

Javier Torres/AFP



Presidente do Chile recebe projeto da Constituição

O presidente do Chile, Gabriel Boric (foto), recebeu o projeto de Constituição, elaborado em meio a uma crise política, que será votado em plebiscito em setembro. "Temos que nos sentir orgulhosos de que, no momento da crise mais profunda (...) que nosso país viveu em décadas, nós, chilenos e chilenas, optamos por mais democracia e não menos", disse Boric no Congresso em Santiago, após receber o texto redigido pelos 154 membros da Convenção Constituinte, dissolvida após a cerimônia. O presidente assinou imediatamente um decreto que convoca um plebiscito com voto obrigatório em 4 de setembro e que consultará mais de 15 milhões de eleitores com a opção de "Aprova" ou "Rejeita" a nova Carta Magna. "Será novamente o povo que terá a última palavra sobre o seu destino. Começamos uma nova etapa", acrescentou o chefe de Estado.